

# Comunidades islâmicas e medievais-cristãs do Castelo de Paderne: continuidade e mudança. Perspectiva zooarqueológica

Vera Pereira

Mestranda de Arqueologia na Universidade do Algarve

## Introdução

Já vários estudos foram publicados sobre o Castelo de Paderne, suas estruturas defensivas e habitacionais, organização espacial intra-muralhas — no que concerne à implantação de casas, arruamentos e canalizações — e espólio mais significativo.

O presente artigo pretende abordar as populações que habitaram o Castelo de Paderne em duas épocas distintas, a islâmica e a medieval-cristã, através da Zooarqueologia. Embora seja fruto de um estudo preliminar, que revela limitações inerentes à sua realização como trabalho introdutório de uma cadeira de mestrado, ambiciona pois conhecer um pouco melhor as populações da fortaleza nas suas dimensões económica, social e cultural, através da análise morfológica dos restos faunísticos.

## Enquadramento

O Castelo de Paderne localiza-se num esporão do Jurássico Superior, com uma altitude de 100 m, rodeado pela Ribeira de Quarteira. Administrativamente, integra-se na freguesia de Paderne, concelho de Albufeira, distrito de Faro. Segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25 000, do Instituto Geográfico do Exército, n.º 596, de Algoz (Silves), edição de 1980, situa-se nas coordenadas rectangulares M – 194060, P – 21290.

De construção almóada em data incerta, apresenta-se como último reforço do domínio árabe no Garb al-Andalus. Foi referenciado pela primeira vez em 1189 por um cruzado anónimo, aquando do cerco da cidade de Silves pelos cristãos, sendo apresentado como um castelo muito forte e de difícil conquista (Lopes, 1844: 42), sendo finalmente conquistado pelos Cavaleiros da Ordem de Santiago, sob o comando de D. Paio Peres Correia, entre 1247 e 1250.

Enquanto *Isne* (castelo com território), o seu território ainda é pouco conhecido embora se pense que fosse do seu domínio a “Várzea de Paderne”, local muito fértil contíguo ao castelo. É notório o seu enquadramento espacial,

exactamente a meio de Silves e Loulé, estratégica e militarmente colocado em pleno barrocal algarvio, marcando a fronteira e/ou o acesso entre a serra e o litoral.

### **Contexto arqueológico**

Foram escolhidos para estudo os restos faunísticos de cinco unidades estratigráficas (UE), provenientes de contextos arqueológicos bem datados pelo espólio correspondente, nomeadamente o cerâmico, que se consideram representativos dos dois períodos presentes no castelo acima referidos, o islâmico e o cristão.

As unidades seleccionadas foram intervencionadas na terceira fase de escavações realizadas no Castelo de Paderne, correspondente ao ano de 2005, sendo provenientes da sondagem arqueológica situada na área SW do interior das muralhas, que contempla uma zona de habitações, respectivas ruas e canalizações (Catarino e Inácio, 2006a):

Casa Islâmica adossada às muralhas:

- § UE 518 – lixeira resultante do abandono da casa islâmica.
- § UE 531 – derrube das paredes, constituído por terras de cor amarelas e pedras de médias dimensões; poderá ser contemporânea da UE 518.

Derrubes de época medieval/moderna:

- § UE 497 – derrubes de adobes; cobre as estruturas de época medieval cristã.
- § UE 507 – camada de abandono que também deve ter funcionado como lixeira; apresenta-se relacionada com o abandono da área, já numa fase pós-islâmica, de inícios da Reconquista.

Silo 4:

- § UE 587 – primeira camada de abandono do silo, assenta sobre a rocha de base.

### **Pressupostos metodológicos**

De modo a uniformizar a análise dos cinco conjuntos osteológicos, elaborou-se uma base de dados em Excel, cuja identificação taxonómica e anatómica pretendia o reconhecimento da espécie, elemento ósseo, porção, lado anatómico e idade. Para os dentes, observou-se o padrão de desgaste dos

mesmos e a identificação da dentição de leite ou sua substituição pela definitiva. No que respeita aos ossos longos, observou-se o estado de fusão das epífises com as respectivas diáfises, e também a presença de determinadas patologias provocadas pela idade avançada do animal.

Foram também tidos em conta os indicadores tafonómicos presentes na fauna, onde se identificaram marcas provocadas pela acção do fogo, por agentes naturais (chuva, sol, vento, raízes, acidez dos solos) ou devido a acção antrópica (marcas de corte devido ao desmanche de carcaças, ao esquartejamento da carne em nacos ou para fins culinários) e/ou animal (ossos roídos, digeridos ou com marcas de dentes), e padrões de fractura dos ossos.

Os fragmentos ósseos foram também submetidos a medições, sendo definido apenas o comprimento máximo dos mesmos. Por fim, deixou-se um campo para outras observações pertinentes.

A identificação da fauna mamalógica foi facilitada, na sua maioria, pela consulta da pequena colecção de referência da Universidade do Algarve e ao uso de manuais osteológicos, que se encontram citados na bibliografia. Porém, não foi possível fazer a diferenciação entre ovelha (*Ovis aries*) e cabra (*Capra hircus*) devido à similaridade esquelética, sendo que se encontram representadas no estudo por *Ovis/Capra*, ou seja, ovinos/caprinos. Por vezes, foi apenas possível a identificação da ordem relativa aos artiodáctilos (*Artiodactyla*).

Para a avifauna, a identificação, já de si muito difícil, ficou muito restringida aos manuais acessíveis. Por vezes, apenas se conseguiu identificar a classe (*Aves*) e optou-se por se agrupar *Gallus* (galo doméstico), *Numida* (galinha-da-índia) e *Phasianus* (faisão) sob a designação genérica *GNP* devido à extrema semelhança entre famílias e espécies.

Também para os restos ictiológicos apenas se identificou a classe *Osteichthyes*, que agrupa todos os peixes ósseos. A fauna malacológica foi identificada até à família.

Para uma melhor compreensão, optou-se por agrupar os dados através da identificação taxonómica de espécies, utilizando o número de restos determinados (NRD) e também o número mínimo de indivíduos (NMI), para cada unidade estratigráfica.

De modo a simplificar a análise dos dados aqui apresentados, os cinco contextos arqueológicos em questão foram separados por cronologias. Assim, partimos do pressuposto de que as UEs 518 e 531 pertencem ao período islâmico e as UEs 497 e 507 correspondem a um período posterior, medieval-cristão. Porém, a identificação cronológica da UE 587 apresentou-se difícil, uma vez que corresponde a um silo reutilizado como lixeira.

### Descrição dos dados e espécies representadas

Foram analisados um total de 363 fragmentos provenientes das cinco unidades estratigráficas estudadas. Nas UEs 518 e 531 foram recolhidos 191 fragmentos ósseos, as UEs 497 e 507 apresentavam um total de 124 fragmentos e, por fim, a UE 587 continha apenas 48 restos faunísticos.

#### **UEs 518 e 531**

A fauna recolhida nestes dois contextos de cronologia muçulmana, apesar de se apresentar numericamente diminuta, mostra uma grande variedade nas espécies representadas, tanto com animais selvagens como de raça domesticada (Quadro 1). Assim, embora se torne difícil a inferência dos hábitos e costumes das populações islâmicas que habitaram no castelo, devido à escassez numérica, é possível por outro lado apontar o porquê da existência ou ausência de determinadas espécies, e seu processamento e/ou consumo.

Foram identificadas taxonomicamente seis espécies mamalógicas: o boi doméstico (*Bos taurus*), o veado (*Cervus elaphus*), o cavalo (*Equus caballus*), o texugo europeu (*Meles meles*), o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e o urso pardo (*Ursus arctos*). Foram também identificados fragmentos de ovinos/caprinos e de artiodáctilos. Através da análise do número de restos determinados (NRD) destaca-se a predominância dos leporídeos, que se pensa corresponder a *Oryctolagus cuniculus*, com 46 fragmentos (Gráfico 1), representando 24% da amostra. Atendendo ao número mínimo de indivíduos (NMI), também aqui os leporídeos se destacam, com três exemplares, uma vez que todas as outras espécies identificadas segundo o *taxon* apresentam apenas um único exemplar.

Muitos dos ossos apresentam marcas de corte e fracturas típicas resultantes da obtenção de nacos de carne para fazer cozidos ou ensopados (Cardoso, 1996: 81), não deixando quaisquer dúvidas quanto ao seu uso culinário.

É interessante notar o consumo de peixe, representando 13% da totalidade faunística, com 25 fragmentos. Apesar da identificação das espécies não ter sido possível, não restam dúvidas que se tratam de restos alimentares.

Foram também identificados três fragmentos de conchas de bivalves (*Patellidae*, *Pectinidae* e *Veneridae*) que deverão resultar de desperdícios de alimentação.

Dos restos faunísticos estudados, é fundamental destacar os elementos de *Equus caballus*, já que todos os ossos desta espécie encontrados nestas duas unidades estratigráficas — um fragmento distal de um rádio, dois tarsos (um calcâneo e um astrágalo) quase completos e um fragmento distal de metápodo — apresentavam marcas de corte muito profundas. Pode-se extrapolar que estas marcas resultaram de consumo devido a uma grande necessidade de alimento, pois as unidades estratigráficas de onde foram recolhidos estes restos faunísticos

correspondem a uma fase de abandono de uma casa islâmica. Com efeito, o cerco e conquista cristã podem ter originado a escassez de alimentos no interior do castelo e fomentado o consumo de animais que teriam outras funções (como, por exemplo, animais de tiro).

As restantes espécies identificadas formam um emaranho de perguntas, até porque estão representadas numericamente por apenas um elemento e não permitem a incorporação segura na cadeia alimentar descrita acima. Assim, foram recolhidos:

- § um metacarpo completo de urso pardo (poderá ter sido de algum troféu ou amuleto em que tivessem guardado uma pata do animal);
- § uma ulna quase completa de um texugo europeu (pode ter sido caçado para aproveitamento da pele);
- § uma vértebra de cetáceo.

Não foi possível determinar taxonomicamente 78 fragmentos ósseos (Quadro 1), o que corresponde a 41% da totalidade da amostra. Contudo, estes elementos são ainda valiosos, pois fornecem pistas tafonómicas, para uma melhor compreensão de todo o processo que a fauna sofreu.

#### **UEs 497 e 507**

A escavação destas duas camadas datadas do período medieval-cristão forneceu uma listagem taxonómica com similaridades com a sua homóloga islâmica (Quadro 2). Também aqui, taxonomicamente, a fauna mamalógica compõe-se por boi doméstico, veado, cavalo, coelho e ovinos/caprinos. A estes juntaram-se o burro (*Equus asinus*), o gato (*Felis* sp.) e o porco (*Sus* sp.), que não apareceram anteriormente.

Nas duas unidades estratigráficas em questão, as espécies animais melhor representadas através do NRD são o gado bovino com 15 fragmentos (12%), e o gado ovino/caprino com 16 fragmentos ósseos (13%) (Gráfico 2). A juntar a estes, foram reconhecidos oito fragmentos de artiodáctilos que corresponderão certamente a animais domesticados.

Foram também identificados dois fragmentos de suíno (*Sus* sp.) que, embora presentes em pequena quantidade, se destacam pela sua ausência total nos contextos islâmicos analisados.

A caça está presente nestas camadas através de nove fragmentos ósseos de *Cervus elaphus*.

Numericamente mal representados, temos um fragmento de avifauna, dois exemplares de concha de ostra (*Ostrea edulus*), um fragmento de caranguejo (*Canceridae*) e uma vértebra de peixe (*Osteoichthys*).

Por fim, foi recuperado um fragmento proximal de rádio de um felino, com marcas de corte. A dimensão e robustez deste osso apontam para que seja de um animal selvagem, mas sem que se possam ter certezas.

Embora o NRD demonstre uma superioridade numérica para algumas espécies, o NMI mostra que os animais presentes na amostra compõem-se apenas por um exemplar de cada. Ficaram por identificar 54 fragmentos ósseos, perfazendo um total de 43% da amostra.

### **UE 587**

Os restos ósseos recuperados da UE 587 apresentam uma problemática diferente. O silo em questão foi reutilizado como lixeira, indicando que a fauna encontrada no seu interior foi lá depositada intencionalmente, tal como o restante espólio, ao contrário dos quatro estratos acima analisados. Assim, por ora, optou-se por estudar este conjunto faunístico separadamente (Quadro 3).

Deste modo, verificamos que os bivalves representam 36% da fauna total, com seis fragmentos de *Ruditapes* (amêijoas) e 11 de *Mytilus* (mexilhões). Provavelmente resultante de uma única refeição, cujos restos foram depois despejados no silo inutilizado.

A avifauna está representada com 29% da amostra, sendo que *GNP* tem nove restos faunísticos e as restantes aves cinco fragmentos.

A fauna mamalógica, embora em menor quantidade de número de restos determinados, caracteriza-se por veado (quatro fragmentos), coelho (quatro fragmentos) e dois fragmentos de artiodáctilos. Também neste caso, para os mamíferos, o NMI demonstra que apenas um exemplar está presente neste contexto.

Não foi possível identificar 15% da fauna, com um total de 7 fragmentos de ossos indeterminados.

### **Considerações finais**

O estudo aqui exposto pretende apresentar novos dados sobre os habitantes do castelo de Paderne. Foi realizada uma abordagem apenas de carácter preliminar, já que a amostra disponível é de dimensão muito reduzida. Porém, é possível realizar algumas considerações sobre as continuidades e mudanças que uma nova população, com hábitos, costumes e religião diferentes, trouxe à fortaleza de fundação almóada, após a sua conquista.

Em ambas as cronologias foi possível identificar *Bos taurus*, *Oryctolagus cuniculus*, *Equus Caballus* e *Ovis/Capra*, que nos indica o predomínio de animais domésticos. Vemos também que há uma boa articulação com o meio ambiente circundante, onde usufruem dos recursos naturais acessíveis, tanto na caça de

*Cervus elaphus* e possivelmente de algumas aves, como na pesca, como se verifica pela presença de peixes ósseos no registo arqueológico, e recollecção de bivalves (*Patellidae*, *Pectinidae*, *Veneridae* e, mais especificamente, *Ruditapes* e *Mytilus*). Existe, no entanto, uma maior variedade de espécies selvagens nas unidades estratigráficas de cronologia islâmica, corroboradas pela presença de urso pardo e texugo europeu.

Uma das ausências fundamentais no contexto islâmico estudado é a dos suínos (*Sus* sp.), todavia presente em contexto medieval-cristão com dois fragmentos ósseos, o que poderá estar a atestar o cumprimento dos preceitos do Islão: “Proibiu-vos a carne de animal que haja morrido, o sangue, a carne de porco e o que se imolou em nome de outro que não seja Deus” (Carvalho, 2002, Sura II. Al-Baqara 173).

De destacar são também os elementos anatómicos de *Equus caballus*, com marcas de corte profundas e significativas, o que indica um possível consumo da carne deste animal ou, pelo menos, um processamento da carcaça para aproveitamento de pele e tendões.

Uma boa parte dos ossos analisados ostenta marcas de corte e fracturas que indicam o seu processamento para fins culinários. Na generalidade destes cinco estratos apresentados, todos os ossos sofreram a acção bem marcada das muitas raízes presentes na estação arqueológica. Apesar disso, os ossos encontravam-se em boas condições, não apresentando qualquer dificuldade de maior aquando da sua análise.

### Referências bibliográficas

- BARONE, R. (1976) *Anatomie comparée des mammifères domestiques*, Vigot Freres Editeurs, Paris.
- CARVALHO, A. (2002) tradução – *Alcorão*, Introdução e notas do Dr. Suleiman Vally Mamede, 2 vols., Publicações Europa-América, Mira-Sintra / Mem Martins.
- CATARINO, H. (1994) Castelo de Paderne (Albufeira): resultados da primeira intervenção arqueológica. *Arqueologia Medieval* 3, pp. 73-87.
- CATARINO, H.; INÁCIO, I. (2006a) Castelo de Paderne: relatório das escavações 2005. Texto policopiado, Amadora.
- CATARINO, H.; INÁCIO, I. (2006b) Vestígios do Urbanismo Islâmico no Castelo de Paderne: uma primeira abordagem. *Xelb 6: Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 2005), Vol. I Comunicações e Conferências, pp. 281-298.
- CARDOSO, J. (1996) *Objectivos e princípios metodológicos da Arqueozoologia, estado da questão em Portugal*, in "Al-Madam", IIª série, nº 5, pp. 78-88.
- DAVIS, S. (1987) *The Archaeology of Animals*, Oxon: Routledge Taylor & Francis Group.
- DAVIS, S. (1992) A rapid method for recording information about mammal bones from archaeological sites. In *Ancient Monuments Laboratory*, London: Historic Buildings and Monuments Commission for England.
- DAVIS, S. (2006) *Agricultural improvements in gharb al-Andaluz – zoo-archaeological evidence from the sheep bones*, in "Promontoria Monográfica 03", Universidade do Algarve, pp. 219-240.
- FRANCE, D. (2009) *Human and Nonhuman Bone Identification – A color Atlas*, United States of America: CRC Press.
- LOPES, J. B. (1844) *Relação da derrota naval, façanhas, e sucessos dos cruzados que parti'rão do escalda para a terra santa no anno de 1189*, Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa. In MATOS, M. (1999) *A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo – Fac-simile da edição por João Baptista da Silva Lopes*, Lisboa: Edições Távola Redonda, Câmara Municipal de Silves.
- NOBRE, I. (1997) *Património Histórico Monumental - Paderne*, Empresa Litográfica do Sul, S. A., Câmara Municipal de Albufeira.
- REITZ, E.; WING, E. (1999) *Zooarchaeology – Cambridge Manuals in Archaeology*. United Kingdom, Cambridge University Press.
- SCHMID, E. (1972) *Atlas of Animal Bones*. Elsevier Publishing Company, Amsterdam / London / New York.



Quadro 1 (continua) – Distribuição dos restos recuperados nas UEs 518 e 531.

Elemento	BOS	CEE	EQC	GNP	MEM	O	ORC
Carpó/Tarso							
Concha (fr.)							
Costela							2
Crânio (fr.)							1
Dente	1					3	
Escápula		1					7
Esterno				1			
Falange						1	4
Fémur							2
Mandíbula							2
Metacarpo				1			4
Metápodo		1	1				
Metatarso				2			1
Pélvis							2
Rádio			1	1			1
Sacro		1					
Tarso		1	2				2
Ulna	1				1		4
Umbo							
Úmero		2		2		1	7
Vértebra							
Vértebra cervical	1						3
Vértebra lombar							1
Vértebra torácica							3
Indeterminado							
NRD	3	6	4	7	1	5	46

Quadro 1 (continuação) – Distribuição dos restos recuperados nas UEs 518 e 531.								
Elemento	PA	PE	URA	VE	Art.	Aves	Ostei.	Ind.
Carpo/Tarso					1			
Concha (fr.)	2	1						
Costela								17
Crânio (fr.)							1	5
Dente								
Escápula						1		1
Esterno								
Falange					1			
Fémur						1		1
Mandíbula								1
Metacarpo			1					
Metápodo					1			
Metatarso								
Pélvis								
Rádio						2		
Sacro								
Tarso								1
Ulna						1		
Umbo				1				
Úmero					1			
Vértebra							9	1
Vértebra cervical								
Vértebra lombar								
Vértebra torácica								
Indeterminado					1	1	15	51
NRD	2	1	1	1	5	6	25	78

Quadro 2 (continua) – Distribuição dos restos recuperados nas UEs 497 e 507.							
Elemento	BOS	CEE	EQA	EQC	FE	O	ORC
Concha							
Costela	1					4	
Crânio (fr.)						1	
Dente	2					1	
Escápula	2					1	1
Falange	1	2					
Fémur							1
Mandíbula	1					1	2
Maxila	2	1	1				
Metacarpo	2	1					
Metatarso	1						
Rádio		1		1	1	1	
Sacro	1						
Tarso			2			3	
Tíbia		1		1		2	2
Úmero		1				1	
Vértebra ind.						1	1
Vértebra cervical	2	1	1				
Vértebra lombar							
Vértebra torácica							
Indeterminado		1					
NRD	15	9	4	2	1	16	7

Quadro 2 (continuação) – Distribuição dos restos recuperados nas UEs 497 e 507.							
Elemento	S	Ostrae	Art.	Aves	Cancer	Ostei.	Ind.
Concha		2					
Costela			1				6
Crânio (fr.)							17
Dente			1				
Escápula							1
Falange	1						
Fémur			1				
Mandíbula			1				
Maxila	1						
Metacarpo							
Metatarso							
Rádio							
Sacro							
Tarso							
Tíbia							
Úmero			1				1
Vértebra ind.						1	
Vértebra cervical							1
Vértebra lombar			1				
Vértebra torácica			1				
Indeterminado		1	1	1	1		28
NRD	2	3	8	1	1	1	54

Quadro 3 – Distribuição dos restos recuperados na UE 587.							
Elemento	CEE	GNP	ORC	Art.	Mytilus	Ruditapes	Ind.
Carpo	1						
Clavícula		1					
Concha (fr.)					11	6	
Costela							1
Escápula		1					
Falange			1				
Fémur	1	1	2				1
Maxila			1	1			
Metatarso	1	2					
Pélvis		2					
Tíbia	1	1					
Ulna		1					
Vértebra cervical				1			
Indeterminado					5		5
NRD	4	9	4	2	16	6	7

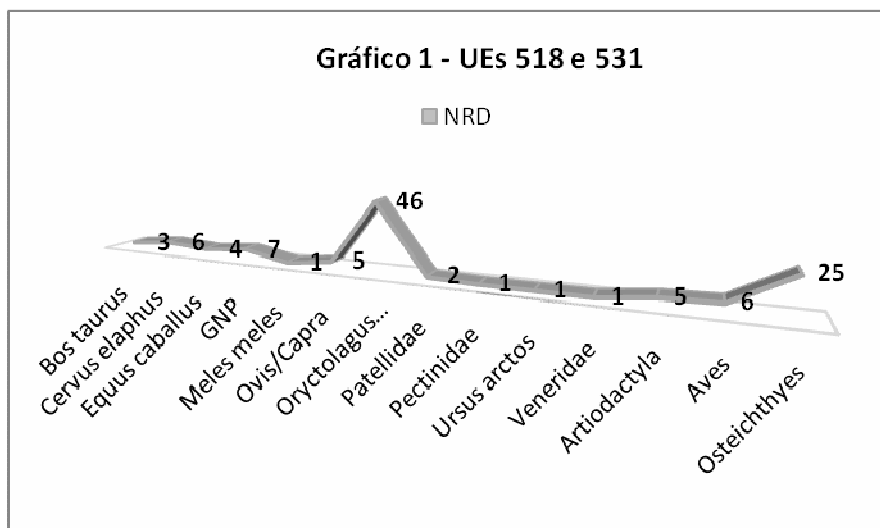


Gráfico 1. Número de Restos Determinados (NRD) das UEs 518 e 531.

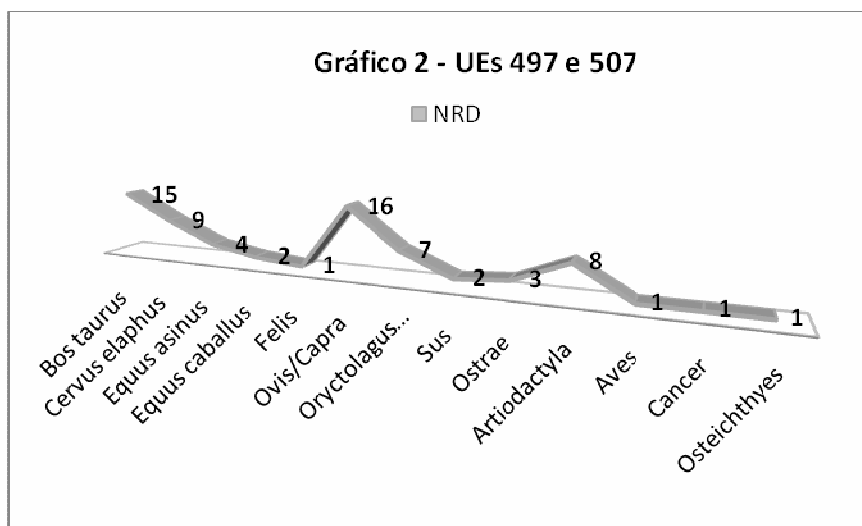


Gráfico 2. Número de Restos Determinados (NRD) das UEs 497 e 507.

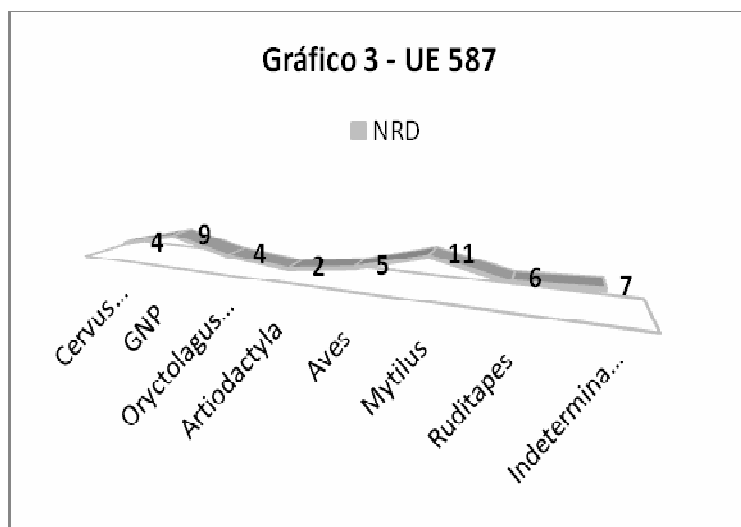


Gráfico 3. Número de Restos Determinados (NRD) da UE 587.